
terra roxa

e outras terras

Revista de Estudos Literários

RESENHA

WALT WHITMAN IN FERNANDO PESSOA
FRANCESCA PASCIOLLA

(London: Critical, Cultural and Communications Press, 2016)

Diego Gimenez¹ (UEL/CAPES)

Y tú, bello Walt Whitman, duerme a orillas del Hudson
con la barba hacia el polo y las manos abiertas.
Federico García Lorca, Oda a Walt Whitman

De aqui, de Portugal, todas as épocas no meu cérebro,
Saúdo-te, Walt, saúdo-te, meu irmão em Universo.
Álvaro de Campos, Saudação a Walt Whitman

Em *Blindness and Insight* (1971), o crítico americano de origem belga Paul De Man afirma, em contraposição às teorias do crítico alemão Hugo Friedrich sobre a categorização negativa da lírica moderna, que toda a poesia é alegórica, seja o poeta consciente disso ou não, mesmo se tenta fugir da representação mimética ou não, porque o poder alegórico da linguagem obscurece o sentido literal da representação, e a abertura da obra, em termos heideggerianos, ao entendimento só se consegue pelo erro. O debate entre as posições (a primeira teórica e a segunda historicista) é significativo sempre que olhamos para a poesia moderna. Para De Man: “A questão da modernidade revela o caráter paradoxal de uma estrutura que torna a poesia líri-

¹ <http://lattes.cnpq.br/5256384887401634> - dgimenezdm@gmail.com

ca em um enigma que nunca para de pedir uma resposta inalcançável a seu próprio quebra-cabeça”² (De Man 1971: 186).

Ao contemplar a construção da obra de Fernando Pessoa, à luz da teorização de De Man, vemos, por exemplo, como todos esses conceitos negativos com que categorizamos, geralmente, a produção do escritor, como despersonalização, fuga da representação mimética, obscurantismo ou hermetismo, etc., ficam subjugados ao jogo de criação alegórica e de cuja estrutura temos exemplos tanto na marginalia como no espólio do autor. Sob este enquadramento crítico, podemos dizer que o livro *Walt Whitman in Fernando Pessoa*, de Francesca Pasciolla, analisa a presença do poeta americano (como símbolo e alegoria) na obra do português e consegue apresentar uma revisitação à relação que já na década dos 80 começara a estudar Susan Brown (1985). Desta forma, a obra da pesquisadora italiana está estruturada em três partes: Pessoa, reader of Whitman; Whitman, writer of Pessoa e Toings and froings.

Depois de Edgar Allan Poe, Walt Whitman é um dos mitos fundadores da modernidade, tanto americana como europeia. Definido como o poeta do espaço em movimento que cantou a liberdade, a democracia e o futuro, a presença da obra de Whitman na Europa, profusamente estudada, é evidente, como dão conta, por exemplo, as odes do próprio Pessoa (assinadas pelo seu heterónimo Álvaro de Campos) ou as do poeta espanhol Federico García Lorca. No primeiro capítulo, Pasciolla analisa a marginalia dos livros whitmanianos que se podem encontrar na Biblioteca particular de Fernando Pessoa: *Leaves of Grass* (8-580)³ e *Poems* (8-664), de Whitman, e as obras de Bliss Perry (8-434) e Walter C. Rivers (1-127) sobre o poeta. A partir deste instrumento, onde se mostra claramente a recepção de Whitman por Pessoa, a autora passa, no segundo capítulo, a descrever a presença das suas leituras na construção da obra do poeta português, desde Alexander Search até ao próprio Pessoa ortónimo, passando por Alberto Caeiro e Álvaro de Campos. Lemos:

Uma vez temos começado a compreender a complexa relação entre Caeiro e Whitman, e entre Campos e Whitman (e a forma em que Whitman está presente ou ausente nos dois), podemos, a fim de apreciar plenamente o impacto de Whitman na produção de Pessoa, ver o que acontece textualmente quando os dois heterónimos interagem. É possível, de facto, notar o paralelismo entre a forma em que Campos se dirige a Whitman e a forma em que Campos se dirige a Caeiro.⁴ (Pasciolla 2016: 79-80)

2 The question of modernity reveals the paradoxical nature of a structure that makes lyric poetry into an enigma which never stop asking for the unreachable answer to its own riddle.

3 Cota dos livros na Biblioteca Particular de Fernando Pessoa. Disponível em: <http://casafernandopesoa.cm-lisboa.pt/bdigital/index/index.htm>.

4 Once we have begun to understand the complex relationships between Caeiro and Whitman, and between Campos and Whitman (and the way which Whitman is either present or absent in both), we can, in order fully to appreciate the impact of Whitman on Pessoa’s output, see what happens textually when the two heteronyms interact. It is possible, indeed, to notice a parallelism between the manner in which Campos addresses Whitman and that in which Campos addresses Caeiro.

A obra de Pessoa enquadra-se na reacção moderna contra a teoria expressiva da criação poética iniciada por Poe e Baudelaire e que seguiram também poetas como André Gide, T.S. Eliot, Jorge Guillén, Paul Valéry e João Cabral de Melo Neto, entre outros. O processo criador não se confina a uma actividade imitativa (exterior ou interior), fruto da inspiração. Baudelaire dirá: “A orgia não é mais a irmã de inspiração: nós quebramos essa relação adúltera. [...] A inspiração é definitivamente a irmã do trabalho diário”⁵ (Baudelaire 1958: 946) . Ou o poeta Melo Neto: “Não a forma encontrada/ como uma concha, perdida/ nos frouxos areais/ como cabelos” (Melo Neto 1956: 98). A forma encontrada por Pessoa, neste caso, obedece ao trabalho de leitura e criação constante, que incitam, por exemplo, a repensar a resposta a Casais Monteiro (Pessoa 1986: 199) sobre a génese dos heterónimos, e a olhar com certo cepticismo o êxtase de natureza indefinível com que foi definido pelo próprio Pessoa o Dia Triunfal.

Como demonstra, no entanto, José Guilherme Merquior no artigo “O Lugar de Pessoa na Poesia Moderna” (1989), a posição de Pessoa dentro da lírica moderna é peculiar, tanto estética como socialmente considerada. Por um lado, os versos de Pessoa estão mais perto da poesia neo-simbolista de Rilke que da “desintegração linguística típica da poesia moderna” (Merquior 1989: 36). As construções linguísticas do português são inteligíveis em comparação com as de Hölderlin, Mallarmé ou Celan. Por outro lado, Pessoa não parece enquadrar-se nem no fascismo anticapitalista de Pound, nem no tradicionalismo reacionário de Eliot, embora os dois desdenhassem a modernidade. Pessoa foi “um modernizador conservador, isso sim, alguém que namoriscou o anarquismo mas não se eximiu a justificar o autoritarismo” (Merquior 1989: 38). Para o crítico brasileiro, Pessoa foi um “explorador de novos territórios no eixo vital do ego” (1989: 39) que se afastou da revolta romântica, mas sempre marcado por uma profunda racionalização e indagação crítica.

Sob este prisma, a poesia de Whitman, segundo Pasciolla no último capítulo, ensinou Pessoa a conter as diversas identidades, explorações do ego, libertando-o daquilo que já era e oferecendo-lhe um espelho onde poderia observar-se em verso. Assim:

O outro tornou-se objeto e meio da pesquisa de Pessoa, tornou-se a janela através da qual o criador dos heterónimos podia inspecionar o interior e o exterior do eu. Caracterizado por uma metáfora química (catalisadora) ou psicológica (“Grande Libertador”), Whitman, com certeza, representou para o poeta português uma fenda, uma fissura, sobre a pluralidade e sobre a extensão da experiência do Real. [...] Pessoa encontrou nas linhas de Folhas de Grama um estímulo para ir além de seus limites, inaugurando assim uma poesia dramática, cujo momento mais famoso é talvez a heteronímia⁶. (Pasciolla 2016: 124)

5 L’orgie n’est plus la soeur de l’inspiration: nous avons cassé cette parenté adultère. [...] L’inspiration est décidément la soeur du travail journalier.

6 The “other” became object and means of Pessoa’s investigation, it became the window through which the creator of the heteronyms could inspect outside and inside the self. Either characterized through a chemical metaphor (catalyst) or a psychological one (“Grande Libertador”), Whitman, we are sure, represented for the Portuguese poet a crack, a fissure, upon plurality and upon the

Segundo Paul De Man, com quem abrimos esta recensão, a poesia moderna utiliza um imaginário que é ao mesmo tempo símbolo e alegoria, representa objetos da realidade, mas tomados de fontes literárias. A tensão entre estes dois modos da linguagem questiona, desta forma, a autonomia do eu: “A poesia moderna é descrita por Yeats como a expressão consciente de um conflito dentro da função da linguagem como representação e dentro da concepção da linguagem como ato de um eu autônomo”⁷ (De Man 1071: 171). A poesia moderna preocupa-se com a sua própria natureza, até chegar a ser muitas vezes metalinguagem. A palavra actua como substituto do designado, e uma das suas funções é apontar para este facto. Os poetas trabalham com a realidade das palavras, não com aquilo que elas representam, “As palavras são para mim corpos tocáveis, sereias visíveis, sensualidades incorporadas”, dirá Pessoa no *Livro do Desassossego* (Pessoa, 2011: 259). Na escrita do poeta português, o conflito entre a função representativa da linguagem e a linguagem como autoconhecimento do eu é um vector constante que dá argumentos à teoria demaniana sobre a construção topológica da identidade que não é um ponto de partida, senão um resultado do processo de leitura, escrita e reescrita com que podemos caracterizar a *poiesis* do autor de *Saudação a Walt Whitman*. A obra de Pasciolla dá conta deste jogo criativo entre símbolo e alegoria, representando Whitman como significativa fonte demiúrgica e literária da obra do escritor português. Por conseguinte, a sua investigação revela um grande trabalho de compilação, pesquisa e revisitação da relação entre os dois génios da literatura.

OBRAS CITADAS

Baudelaire, Charles. *Oeuvres complètes*. Paris: Callimard, 1958.

Brown, Susan Margaret. “Whitmanian Fermentation and the 1914 Vintage Season”. *Actas IV do II Congresso Internacional de Estudos Pessoaanos*. Porto: Centro de Estudos Pessoaanos, 1985. p. 101-109.

De Man, Paul. *Blindness and Insight*. New York: Oxford University Press. 1971.

Friedrich, Hugo. *Estrutura da Lírica Moderna*. São Paulo: Duas Cidades. 1978.

Jakobson, Roman. *Lingüística e comunicação*. São Paulo: Cultrix. 1995.

Melo Neto, João Cabral de. *Duas águas*. Rio de Janeiro: José Olympio. 1956.

Merquior, José Guilherme. “O Lugar de Pessoa na Poesia Moderna”. *Colóquio/Letras* (Lisboa), n. 108, p. 27-41, 1989.

Pessoa, Fernando. *Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas*. Edição de Antón-
extension of the experience of the Real. [...] Pessoa found in the lines of *Leaves of Grass* an encouragement to go beyond his limits, thus inaugurating a dramatic poetry, the most famous moment of which is perhaps the heteronomy.

⁷ Modern poetry is described by Yeats as the conscious expression of a conflict within the function of language as representation and within the conception of language as the act of an autonomous self.

Resenha de *Walt Whitman in Fernando Pessoa* de Francesca Pasciolla

nio Quadros. Lisboa: Europa-América, 1986.

———. *Livro do Desassossego*. Lisboa: Assírio & Alvim. 2011.

Recebido em 29 de junho de 2017; aprovado em 20 de novembro de 2017.